
Resenha

Repensando a função do manicômio na sociedade

Reflexions about the role of lunatic asylum in the society

Maurício Aranha✉

Núcleo de Psicologia e Comportamento, ICC, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil



Clínica em movimento: por uma sociedade sem manicômio (2003). Ana Maria Lobosque. Editora Garamond, ISBN 85-86435-92-9, 200 págs.

Palavras-chave: filosofia da ciência; saúde mental, psiquiatria.

Este é um livro que desde o título mostra seu compromisso abrangente com a análise da alma na luta revolucionária dos profissionais que a praticam pelo viés do ideal antimanicomial.

O livro propõe novos modelos para o exercício da clínica psiquiátrica e, ao mesmo tempo, instrumentaliza idéias para um projeto de sociedade mais humana. Esta mudança de paradigma alavanca a crença num projeto terapêutico para a loucura, mostrando a impossibilidade de reconhecimento desta em sua singularidade e diferença. A obra evidencia a vocação originariamente totalitária dos hospitais psiquiátricos, o que demonstra ser o tratamento da loucura permeado de uma coletiva vontade de poder que captura e exclui a loucura do espaço político da cidadania. A abordagem, tão bem encadeada tem por fim o desencadeamento de um movimento que impulsiona a abordagem clínica a um exercício de autonomia e liberdade das pessoas.

A obra leva ao questionamento do pa-

pel da psicanálise no contexto da loucura tendo em vista que nem mesmo ela, que tanto prometera reconhece no delírio uma tentativa de cura e re-organização do equilíbrio psíquico. Mesmo a psicanálise se voltou para a normatização da loucura oferecendo como modelo estruturante a mítica edipiana. Na edificação do Instituto da Lei normativa à loucura, a família passa a representar a moral que deve ser imposta às manifestações psicóticas, como se a cura aí se encontrasse. Portanto, o grande destaque do texto é que sua abordagem parte do sofrimento humano para a ele retomar como compreensão que não se furta ao embate diário com a miséria humana. Um “movimento” que é também comprometimento.

Este livro se debruça sobre a filosofia de Nietzsche para propor uma transvalorização da ética e da política, com a finalidade de reconhecer não apenas a positividade da loucura como experiência, mas também de que maneira ela pode ser um remodelador de

✉ – **M. Aranha** é Médico (UFJF), Especialista em Neurociência e Saúde Mental (Barcelona), Neurolinguística (IBMR), Psicologia Analítica, Psicopedagogia Institucional e Clínica, Terapia Holística e Metodologia dos Processos de Aprendizagem. Atua como Coordenador do Núcleo de Psicologia e Comportamento do Instituto de Ciências Cognitivas (ICC). E-mail para correspondência: coazar@gmail.com.

nossa cultura. O sentido político que advém da desospitalização tem por missão o enfrentamento de modelos lucrativo economicamente.

A obra de Ana Marta Lobosque lança mão de outros autores contemporâneos como Foucault, Deleuze e Guattari, para esboçar a desconstrução dos conceitos de lei, desejo e culpa dominantes no Ocidente. Preocupa-se em revisar as estruturas que sustentam o modelo especulativo-científico, confessional-analítico, singular-coletivo, autonômico-normatizado para se dar a devida dimensão ao texto da autora e a sua proposta de novas práticas de convívio com a loucura. Assim, busca romper definitivamente com as Instituições manicomiais como forma de resgate a dignidade humana prolatada, até mesmo, pela Constituição.

Na parte I do livro, "Clínica em Movimento: o cotidiano de um serviço substitutivo de saúde mental", a autora expõe sua posição ao abordar o modelo asilar e o racional no contexto de uma sociedade global. Demonstra a desigualdade e preconceito que permeiam o tratamento do portador de transtorno mental. Isso significa que para que haja uma nova contextualização do tratamento, haverá a necessidade de uma mudança estrutural em todos os setores que se voltam para a abordagem da saúde mental. Indo desde a capacitação técnica até revisões conceituais de grande complexidade. Mas o foco da autora é a clínica da saúde mental e é nela que centra suas reflexões. Por assim ser, questiona a noção habitual de clínica, que tem servido mais aos profissionais que aos pacientes.

Ana Maria Lobosque critica os profissionais da saúde mental por transformarem suas abordagens e *set* terapêuticos em lugares

que tem por fim acolher o suposto saber individualista. Negando a interdisciplinaridade, a singularidade, a autonomia e a cidadania do portador de sofrimento mental. Incita a novas práticas que contemple uma forma de superação não só autocrítica, mas também implicada nas questões de políticas públicas. A autora convida à uma reflexão sobre a respeitabilidade às diferenças que deve permear o convívio entre os operadores da saúde mental e sua clientela. Na busca de uma vivência conjunta, uma aposta no encontro de um espaço coletivizado, respeitador e acolhedor ao "diferente" e suas necessidades.

Na parte II, a autora fala da influência sofrida no contato com os textos de Freud, da sua relação com a psicanálise, com a saúde mental e suas práticas. Expõe as contribuições dos textos de Foucault, Deleuze e Guattari e o retorno a Freud proposto por Lacan. Os textos confrontam a autora com elementos constitutivos do universo "psi" tais como aspectos políticos, modelos científicos, o Instituto do poder que permeia as relações, objetos e sujeito.

Finalizando, na parte III, defende-se a igualdade, a partir da reflexão sobre o presente e se afirmando que em toda sociedade organizada o direito é uma conquista edificada pela própria sociedade, pois que a sociedade não serve ao direito, mas sim o direito, ao normatizar, o faz em prol da sociedade a qual deve existência.

Desta forma, observa-se que o "movimento" proposto por Lobosque soa como um caminhar refletido e transformador em prol de uma prática clínica que se alia a justiça social, lembrando que o portador de transtorno mental é, antes de mais nada, um sujeito de direito, portanto, um cidadão.